



## MOSTRA CULTURAL SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO: POESIAS COMO ARTE DE RESISTÊNCIA

***Eixo Temático 03 - ARTEFATOS CULTURAIS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO:  
DISCUTINDO OS CORPOS, OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES EM DIVERSOS  
ESPAÇOS EDUCATIVOS***

Rodrigues, Évelin Pellegrinotti <sup>1</sup>  
Ribeiro, Paula Regina Costa <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é recorte de uma pesquisa de doutorado. Investigamos, para esta escrita em especial, poesias do ano de 2024, enviados/as por estudantes de escolas da rede pública da cidade de Rio Grande – RS, para a Mostra Cultural Sobre Diversidade Sexual e de Gênero. O objetivo é contemplar possibilidades de resistências às violências de gênero e sexualidade, inspiradas nas ferramentas teórico-metodológicas da problematização de Michel Foucault e na metodologia experimental de Georges Didi-Huberman. Destacamos que as poesias expressam, através da arte, meios de fuga, mesmo que pequenos e localizados, oferecendo pistas para o enfrentamento das violências. Expressando através da experiência da arte, resistência e um dizer/fazer poético que também é uma forma de se posicionar no mundo.

**Palavras-chave:** Mostra Cultural, Gênero, Sexualidade, Poesias, Resistência.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é recorte de uma pesquisa de doutorado<sup>3</sup> que vai investigar as enunciações sobre gêneros e sexualidades em poesias enviadas por estudantes de escolas da rede pública da cidade de Rio Grande – RS para a Mostra Cultural Sobre Diversidade Sexual e de Gênero. A Mostra, ao longo de suas dez edições, foi um espaço que possibilitou e ainda possibilita questionamentos aos discursos e práticas sociais sobre os

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal de Rio Grande – Furg/RS, [evelin.vivo@gmail.com](mailto:evelin.vivo@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Titular e Professora do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – Furg/RS, [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)

<sup>3</sup> Pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Furg.



gêneros e as Sexualidades, que (re)produzem a LGBTfobia, o sexismo, a misoginia, o machismo, entre outras formas de preconceitos.

As produções resistem a esses discursos através de expressões de amor entre pessoas LGBTQIAPN+, luta por equidade e igualdade, por respeito e pelo direito de existir, com palavras de acolhimento e afeto. Essas poesias, aqui entendidas como artefatos culturais, ou seja, produções resultantes de um processo de construção social (Magalhães, 2008; Ribeiro; Magalhães, 2013), produzem significados e transitam, através da linguagem, em nossa cultura por meio de discursos sobre gênero e sexualidade, que são perpassados por verdades que nos educam e nos produzem enquanto sujeitos em diferentes espaços (Paraíso, 2010).

Essas produções possuem um currículo cultural sobre as questões de gênero e sexualidade, problematizam as violências, rompem os muros das escolas e das universidades, mobilizam o pensamento e formas de resistências. Entendemos em nossas escritas, o conceito de resistência, inspiradas em Marlucy Paraíso, “como força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis” (Paraíso, 2016, p. 389).

As poesias, enquanto artefatos culturais, expressam em suas linhas meios de fuga, reconhecem a pluralidade que anunciam, nos dando pistas para o enfrentamento das violências. Entendemos que esse processo resulta do aporte social e cultural das relações que estão em curso, tensionamentos não só dos discursos sobre os gêneros, mas também sobre as sexualidades, questões que problematizam os diferentes modos de produção desses conceitos, apontando outras maneiras de se produzir e viver os gêneros e as sexualidades (Rago, 2004).

## **METODOLOGIA**

Investigamos, para este trabalho, poesias do ano de 2024 enviadas para a Mostra Cultural, com o objetivo de contemplar possibilidades de resistências às violências de gênero e sexualidade. Para tanto, nossas inspirações são as ferramentas teórico-metodológicas da problematização do Filósofo Michel Foucault e a metodologia experimental de Georges Didi-Huberman.



A “problematização” como um exercício crítico que se opõe a uma busca metódica por solução, problematizar é instaurar uma distância crítica e reconhecer os problemas (Revel, 2004). Problematizar enquanto estratégia metodológica, é desconfiar do que está posto, é buscar fissuras no que está estipulado, pequenas brechas, para que possamos pensar diferentemente o que se pensa para nossa atualidade e para nossas relações com os/as outros/as (Schlee, 2024).

Para compor com a problematização, a metodologia experimental de Didi-Huberman nos conduz pelos caminhos do que nos salta aos olhos, as poesias que, de alguma maneira, nos tocam, nos fazem pensar sobre as relações postas no mundo, nos mobilizam em direção as possibilidades de resistências às violências de gênero e sexualidade.

As poesias, ao provocar os sentidos através de montagens, cortes e associações, mobilizam uma forma de imagem que pensa. Como afirma o autor, “a imagem pensa, mesmo quando não se sabe ainda o que ela pensa” (Didi-Huberman, 2015, p. 221). Assim, o olhar para as poesias, com inspiração em Didi-Huberman, é gesto de aproximação metodológica sensível, e, segundo ele, perpassado por resistência e abertura do pensar.

Com nosso olhar atento e sensível, fomos olhando as poesias que compõem o livro da Mostra Cultural de 2024, poesias escritas por estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. No total, são 170 poesias, das quais 112 que tratam sobre as violências de gênero e sexualidade: 59 abordam questões de gênero (34,9% do total) e 53 tratam da sexualidade (31,4% do total).

Devido ao espaço do texto, fizemos um recorte de 4 poesias que nos fazem pensar, sentir, vibrar e nos possibilitam entender a escola como um espaço de resistência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É olhar com sensibilidade para o que nos afeta, e aumentar a potência de resistência dos nossos corpos (Paraíso, 2016).

Com essa sensibilidade, olhamos para as poesias, que são uma expressão de arte que “atravessa, rasga, fere, quebra, desenquadra, trazendo possibilidades de pensar, sentir, viver através de uma sensibilidade estética” (Schlee, 2024, p. 56). Assim, deixamos



nos levar, imprimir em nosso pensar, possibilidades de resistências às violências de gênero e sexualidade.

Na escrita de cada poesia, linhas de vidas vividas ou não, onde a ficção e o real mexem com o nosso pensamento, tocando o que em nós está mais sensível, ressoando memórias de outros tempos ou de aqui e agora, realidades que lutamos para mudar, esperança que move o reconhecimento de conquistas e desassossegos (Schlee, 2024).

Homofobia é um muro frio,  
Que tenta o amor calar.  
Mas o amor é luz, é brio,  
E jamais deixará de brilhar.  
No respeito está a ponte,  
Que une corações em paz.  
Homofobia é sombra,  
Que a luz do amor desfaz.  
Nome: Arthur Petit Belasquem  
Escola: E. E. E. M. Mascarenhas de Moraes

Amor proibido  
Dizem que o amor LGBT é errado,  
Mas nada me pareceu tão certo quanto  
Amar você.  
É fácil julgar duas mulheres apaixonadas,  
Enquanto se ignora o abuso silencioso que  
Ocorrem no cotidiano de muitas casas.  
Um relacionamento vai muito além de gênero  
E sexualidade, se nele existir respeito nada pode impedir o amor verdadeiro.  
Nome: Maisa Nogueira Pereira  
Escola: E. E. E. F. C. Juvêncio Lemos

Tentaram e tentam a todo momento calar o amor, uma ponte chamada homofobia, que como nos traz a poesia do Arthur, vem deslegitimando outras formas de amar, quando na busca por direitos se esbarra em um discurso que regula as identidades sejam elas de gênero ou de sexualidade, discursos que reiteram algumas identidades em detrimento de outras. Neste contexto, Rago (2017), destaca a importância do feminismo em direção a conquistas e reconhecimento de subjetividades outras, segundo ela “os feminismos produziram transformações na maneira pela qual os heterossexuais, gays e transgêneros se subjetivam-se, elaboram suas subjetividades e articulam-se” (Rago, 2017, p. 238).

A luta das mulheres e dos movimentos contra LGBTfobia, são lutas que vêm buscando fazer valer suas diferenças, multiplicar vidas possíveis, não ceder a dor, não se deixar vencer por aqueles/as que não conseguem ver que “não se vive em um espaço



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos” (Foucault, 2013, p. 21). As palavras de Foucault parecem compor com as linhas das próximas poesias.

A dor que cala fundo em um grito silenciado,

Nos olhos marejados, há um céu sem cor.  
A violência rasga a paz, um ato tão pesado,  
No corpo, marcas tristes de um sombrio ardor.  
O amor que deveria ser abrigo e acalanto,  
Torna-se a tempestade que devora o ser.  
As palavras cortam como lâminas em pranto,  
E a mulher, tão forte, tenta não ceder.  
Mas o sol renasce, mesmo após a noite escura,  
Há força no perto, há luz no olhar.  
De cada cicatriz, brota uma bravura,  
Que a vida, aos poucos, vai reparar.  
Que as mãos se estendam para romper o ciclo cruel,  
Que o amor verdadeiro possa enfim prevalecer.  
Pois cada mulher merece viver sob um céu,  
Onde a violência jamais possa florescer.  
Nome: Henry Jorge Costa  
Escola: E. M. E. F. Ana Neri

### Vozes Silenciadas

Em um mundo cheio de sonhos e esperanças,  
mulheres lutam com forças e danças.  
Mas na sombra da vida, a desigualdade grita.  
E a voz de muitas ainda é restrita.  
Nos lares e no trabalho, o peso é desigual.  
Sonhos e conquista em um caminho fatal.  
Guerreiras sem valor, suas histórias ocultas,  
Barreiras que impedem suas vidas adultas.  
Felicidades desiguais, sonhos perdidos,  
O caminho é duro, os direitos, esquecidos.  
Deslealdade na luta por espaço e voz,  
A sociedade impõe que só um é feroz.  
Esperarmos por um mundo justo,  
Juntos e erguidos, que a equidade fortaleça em corações unidos.

Nome: Julia Porto

Escola: E. E. E. F. Marechal Emílio Luiz Mallet

As poesias são como gritos de reconhecimento, elas falam da luta pelo combate a LGBTfobia e também da luta das mulheres, lutas essas que expressam marcas das diferentes violências sofridas, lutas que tem em comum o direito de amar, sem dor e sem



sofrimento. Neste sentido vemos o feminismo como uma construção importante contra as violências, ele está amplamente ligado a luta pela autonomia dos sujeitos com base nas questões de gênero e sexualidade, e contra formas de poder que tentam invisibilizar esses debates (Rago, 2017).

As poesias se constituem como formas de resistência frente à violência vivida por mulheres e pessoas LGBTQIA+. Através da linguagem poética, revelam-se estratégias de subversão das normas, exposição da dor e afirmação de existências que foram sendo silenciadas, como exposto em alguns trechos das poesias. Neste sentido, as vozes poéticas que aqui ecoam, não apenas denunciam a violência, mas criam outras possibilidades de existência, de discurso e de visibilidade. “Na premissa de não legitimar o instituído, e sim resistir, como potência para viver o presente, estranhar os muros, cortar as “linhas divisórias”, ultrapassar barreiras, podemos dizer sim à vida!” (Schelle, 2024, p. 67). Podemos vislumbrar vidas vividas e vivíveis, com respeito, dignidade e reconhecimento da pluralidade.

As poesias ao ecoarem as violências de gênero e sexualidade, produzem resistências na linguagem, no corpo e na memória. Como propõe Foucault (1988, p. 89), “onde há poder, há resistência”, e essa resistência não ocorre à margem das estruturas, mas em seus próprios espaços. As poesias, nesse sentido, são lugar de ruptura, mobilizando afetos e silêncios, elas tencionam as normas e os discursos que invisibilizaram essas violências. Aproxima-se do que Didi-Huberman compreende como potência das imagens: “as imagens são, às vezes, as únicas sobreviventes de certos gestos de resistência” (Didi-Huberman, 2020, p. 24). As poesias são imagens sensíveis, são gestos discursivos, expõem o que muitas vezes não pode ser dito de forma direta, mas que insiste em aparecer por meio da arte. Trata-se, portanto, de uma resistência estética e política, onde o dizer poético é também uma forma de se posicionar no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia “nos interpela, nos compromete, nos afeta” (Didi-Huberman, 1998, p. 23). Ela resiste no tempo e nos provoca o olhar para as violências, mas, mais que isso, nos provoca a olhar para os possíveis, ou seja, a discutir, no espaço escolar, as questões de gênero e sexualidade.



É um abalar-se com essa potência de vida que perpassa nossos estudos: a arte que pulsa a vida, que transborda a diversidade. São poesias atravessadas pelas lutas que compreendem os gêneros e as sexualidades, lutas por existência, com muita resistência, produções que nos levam pelos caminhos do combate as violências.

As poesias expressam, através da arte meios de fuga, mesmo que pequenos e localizados, marcas das diversas violências em meio a sussurros por respeito e acolhimento, marcas de existências que, muitas vezes, se sentem invisíveis, mas que reconhecem a pluralidade que anunciam, nos dando pistas para o enfrentamento das violências.

Além disso, a Mostra Cultural é uma possibilidade de abordagens em relação as violências, para que os/as estudantes percebam o quanto é necessária a luta para combatê-las, expressando através da arte, meios de resistência, e um dizer/fazer poético que também é uma forma de se posicionar no mundo.

As poesias nos apontam os possíveis para o currículo escolar e não-escolar, construindo saberes sobre o combate às violências de gênero e sexualidade, modos de (re)existir. Para Paraíso (2016, p. 389), uma maneira de dizer “chega! Eu não aceito mais isso! E mostra, com sua recusa, que considera injusto o risco de sua vida. A resistência abre espaços, abre caminhos, cria possibilidades. A resistência cria um reexistir, ou seja, um existir de um outro modo”

Resistimos com arte!!!

## REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 edições. 2013.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?: analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais**. (2008). Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Rev. Diversidade e Educação**, v.1, n.1, p. 45-46, jan./jun. 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papyrus, 2010. p. 27-58.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RAGO, Margareth. A “mulher cordial”: feminismo e subjetividade. **Verve**, v. 6, p. 279-296, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5015/3557>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RAGO, Margareth. Foucault, os feminismos e o paradoxo dos direitos. **DoisPontos**, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/56548>. Acesso em: 25 jan. 2025.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric (org.). **Foucault: A coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

SCHLEE, Juliana Corrêa Pereira. **Por um devir ecosófico nas Educações Ambientais: entrelaçamentos entre arte e filosofia no viver da fronteira (Brasil- Uruguai)** / Juliana Corrêa Pereira Schlee. – 2024. 192 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2024.